



HISTORIOGRAFIA INDÍGENA XOKLENG-LAKLÃÕ – DO SÉCULO XIX ATÉ O XXI

Carlos Eduardo Bartel
Instituto Federal Catarinense (IFC)
carlos.bartel@ifc.edu.br

Amália Cardona Leites
Instituto Federal Catarinense (IFC)
amalia.leites@ifc.edu.br

Introdução

A história dos povos indígenas no Brasil, mesmo com os avanços em relação à pesquisa e produção de conhecimento, ainda é uma ilustre desconhecida do público em geral e não seria exagero dizer que também de estudantes e professores do ensino básico, por vezes, sendo vista, até mesmo no ensino superior como um tema de segunda categoria ou de menor importância.

No sentido de ampliar o conhecimento dessa história e desmistificar visões distorcidas, equivocadas ou mesmo fantasiosas sobre o tema,¹ o presente artigo propõe analisar como a história do povo Xokleng-Laklãõ tem sido escrita e contada ao longo do tempo, identificando as principais contribuições produzidas e seus autores.² Para isso, faz uma análise de caráter historiográfico, situando autores e suas produções em matrizes, isto é, correntes de pensamento que possuem afinidades entre si, valendo-se para isso da noção de historiografia.

Comumente, emprega-se o termo historiografia no sentido de história escrita, e independente do campo em que se manifestam, integradas as conjunturas histórico-sociais concretas, a historiografia também é percebida como um produto da sociedade. Nesse sentido, entendemos tal noção como:

o resultado do trabalho individual ou de um grupo de intelectuais. Esse vocábulo, intelectual, é aqui usado apenas no sentido de um trabalho que exige elaboração mental, não levando em conta preocupações qualitativas quanto à formação acadêmica dos elementos assim identificados (GUTFREIND, 1998, p. 9).

Considerando que cada obra é produzida, dialoga e se inscreve em um contexto sociocultural e temporal, tais obras estão, portanto, integradas em um momento

¹ Em um recente trabalho, intitulado “Decolonialismo Indígena” (2021), Alvaro Gonzaga analisou as fantasias existentes no debate público no Brasil, quando se fala sobre povos indígenas.

² A pesquisa para produção deste artigo foi realizada no Instituto Federal Catarinense (IFC) e contou com o apoio do *Campus Ibirama*.



histórico específico que possui suas próprias perguntas, anseios e perspectivas, assim, é possível mapear tais obras encontrando características que as aproximem ou as afastem, seguindo uma mesma matriz historiográfica, noção que se refere a “um tipo de discurso com características comuns encontradas em um conjunto de obras históricas, cujos conceitos adquirem significados ocultos, conforme a conjuntura que se desenvolve e, por isso mesmo, mantém uma vitalidade sempre eficaz” (GUTFREIND, 1998, p. 11).

A partir dessas noções, o presente trabalho se limita a identificar obras e autores que se proponham a narrar ou contar a história dos Xokleng-Laklãnõ entre os séculos XIX e XXI. Para isso, selecionamos os principais expoentes dessas produções com o objetivo de definir correntes historiográficas, tornando assim possível compreender diferentes abordagens e perspectivas.

Textos, obras, registros, documentos e estudos diversos sobre esses indígenas, chamados genericamente de botocudos, são produzidos desde o século XVIII. Dessa forma, importantes trabalhos já foram realizados, contudo são de pouco conhecimento dos estudantes, do público em geral e até mesmo de docentes que abordam a temática. Mapear e identificar esses trabalhos, tornando-os acessíveis ao público, ao estilo de um guia de estudos destinando para quem deseja estudar essa temática, contribuindo para o conhecimento e a difusão desses saberes, é um dos objetivos do presente artigo. Sua importância consiste no conhecimento dos autores, movidos por interesses diversos, de suas obras e dos motivos pelas quais elas foram produzidas, perspectiva que justifica a presente abordagem.

Panorama Geral: história e historiografia indígena no Brasil

Desde o período colonial e ao longo da história do Brasil, os povos indígenas foram classificados através de perspectivas generalizantes que variavam do estigma ao romance, assim, ora são retratados como ingênuos, ora como selvagens, representações estas distantes da realidade e que denotam igualmente preconceito e desconhecimento do tema. Civilizados e selvagens foi uma entre outras formas pelas quais os colonizadores que chegaram ao Brasil classificaram os indígenas. No século XIX o debate público sobre indígenas se polarizou em duas correntes de pensamento, representadas respectivamente por José Bonifácio de Andrada e Silva e Francisco Adolfo de Varnhagen, ambos concordavam sobre a inferioridade dos indígenas, “porém o primeiro defendia sua humanidade e capacidade de civilizar-se, propondo a integração



branda”, enquanto, “Varnhagen afirmava a bestialidade dos índios que, no seu entender, só poderiam ser incorporados e submetidos através da guerra e do extermínio”. Na política oficial do Império, prevaleceu a perspectiva de Bonifácio, isto é, o indígena deveria ser integrado com brandura, e embora fosse condenado o uso da força, se reconhecia “sua necessidade em algumas circunstâncias” (ALMEIDA, 2010, p. 145).

Nesse contexto, nos discursos históricos, literários e políticos do século XIX são identificadas três imagens dos povos indígenas: os idealizados do passado, os bárbaros dos sertões e os degradados das antigas colônias. Os primeiros são os indígenas dos romances, aliados dos colonizadores, os bárbaros do sertão eram aqueles que se rebelavam contra a invasão de seu território e, por fim, os degradados, eram grupos considerados incompletos no processo de assimilação, que se encontravam no meio do caminho entre a condição de indígena e a civilização (ALMEIDA, 2010, p. 140).

Os grupos indígenas, a partir de uma perspectiva evolucionista que contemplava noções como “progresso” e “civilização”, eram percebidos como seres humanos em estado primitivo ou “atrasados”, assim, eles seriam assimilados pela sociedade maior ou devido seu “atraso evolutivo” entrariam em extinção. Nos dois casos, os povos indígenas desapareceriam no futuro, sendo incorporados à sociedade nacional, visão essa compartilhada até mesmo por especialistas e renomados indigenistas, até a década de 1970.

Esse cenário se modificaria no final dos anos 1980, período no qual “a História Indígena e do Indigenismo começaram a ganhar destaque nos trabalhos de antropólogos e arqueólogos. Essa inflexão se deu em conexão com as lutas travadas pelo movimento indígena no final da ditadura e durante a Assembleia Nacional Constituinte”, que contemplou direitos e representou “expressivo avanço formal na relação do Estado com os povos indígenas, principalmente no que se refere ao reconhecimento do direito e da proteção à diferença e do caráter originário dos direitos territoriais” (CAVALCANTE, 2019, p. 13).

Na década seguinte, os indígenas passaram a ser percebidos também como protagonistas da história, dois movimentos contribuíram nesse sentido, a obra “Negros da Terra” (1994), do historiador John Monteiro, trabalho que marcou uma reviravolta na historiografia da história indígena e, antes disso, a criação do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, em 1990, ligado ao Departamento de Antropologia da USP, sob a liderança de Manuela Carneiro da Cunha, que organizou a coletânea intitulada



“História dos Índios do Brasil” (1992). Assim, somente nos últimos anos “os indígenas e sua história passaram a fazer parte das preocupações dos historiadores brasileiros” e de “pesquisadores de outras disciplinas que igualmente se dedicam ao estudo de processos históricos, sobretudo, envolvendo povos indígenas” (CAVALCANTE, 2019, p. 13). Nesse sentido, passadas três décadas, o historiador Thiago Cavalcante avalia que:

O desafio de recuperar o papel histórico dos povos indígenas na formação das sociedades e culturas do continente americano, ou seja, dar-lhes protagonismo e agência na análise da história, foi, em partes, atingido. O número de trabalhos em que os indígenas figuram como protagonistas cresceu exponencialmente, principalmente nos últimos vinte anos (2019, p. 23).

Nesse cenário, se inscreve a história do povo indígena Xokleng-Laklãnõ. Relatos sobre esses indígenas, chamados genericamente de botocudos, e conhecidos desde o período colonial, passaram a ser divulgados com mais intensidade em publicações diversas desde o século XIX, quando as terras do interior de Santa Catarina passaram a ser ocupadas a partir da chegada de novas levas de imigrantes europeus no Brasil e, em especial, com a fundação das colônias de São Pedro de Alcântara (1829), Blumenau (1850), Dona Francisca (1851), atual Joinville, e Brusque (1860). Antes disso, o processo de abertura de estradas e a criação da Vila de Lages, no século XVIII, fizeram com que a Coroa portuguesa decretasse guerra aos botocudos, em 1808.

No sul do Brasil, os colonizadores seguiam as referências apresentadas acima, assim, esses indígenas eram classificados como ferozes selvagens do sertão, como bugres inassimiláveis. Por outro lado, os contatos com esses povos, permitiram também percepções que se distanciavam dessas classificações. Assim, desde esse período, e de maneira geral, imigrantes e seus descendentes, pesquisadores amadores e profissionais e, mais recentemente, os próprios indígenas se dedicaram a narrar e escrever essa história.

Historiografia Xokleng-Laklãnõ

Ao pesquisarmos a história dos Xokleng-Laklãnõ em Santa Catarina nos deparamos com grande e variada quantidade de produções. A partir de um estudo que fizemos sobre Eduardo Hoerhann, funcionário do SPI que atuava no Posto Indígena Duque de Caxias, em Ibirama, percebemos que esse personagem era retratado de formas diversas, desde perspectivas que iam do herói que “contatou a selvagem tribo dos botocudos”, o que lhe valeu à alcunha de pacificador até visões que denunciam as



violências cometidas por ele contra os indígenas. Percebemos então, ainda que algumas análises produzissem visões exageradas e/ou apologéticas, que nenhuma abordagem estava errada, mas sim que se inscreviam em diferentes perspectivas, que evidenciavam mais uma ou outra particularidade.

O excesso de informações e algumas incongruências nos levaram a organizar o presente estudo, no qual não observamos somente os conteúdos produzidos, mas também quem os produziu e por quais motivos. Estabelecemos assim uma tipologia de produções para melhor compreensão do assunto, buscando situar diferentes perspectivas que, por sua vez, não estão isoladas, ou seja, se confundem, se distanciam ou se aproximam e dialogam entre si.

Assim, para efeitos de compreensão identificamos pelo menos quatro grupos que contam a história Xokleng-Laklãnõ, que se reúnem a partir de aspectos em comum, são eles: 1) o próprio agente do SPI e seus pares do aparelho estatal, 2) colonizadores e memorialistas locais, 3) pesquisadores acadêmicos ou profissionais e 4) os próprios indígenas.

Um dos primeiros interessados em narrar essa história é o próprio Eduardo Hoerhann. Ainda que ele não tenha escrito nenhum livro ou texto acadêmico, concedeu entrevistas para órgãos de imprensa, forneceu testemunhos para amigos e pesquisadores, produziu documentos administrativos (muitos desses registros foram perdidos), bem como um rico acervo de imagens da época que esteve à frente do Posto indígena, devido inicialmente ser ele o fotógrafo do SPI. Eduardo é o principal criador de sua imagem mítica, que vai desde a lembrança de seu parentesco com Duque de Caxias, outro “herói”, passando pela imagem de “pacificador”,³ até o projeto de seu túmulo, ponto turístico da cidade de Ibirama, uma ideia de sua autoria, que possui uma grande lápide em formato de ponta de flecha. Na epígrafe, consta a seguinte inscrição: “Aqui jaz Katanghara de seus nobres feitos podem falar as matas virgens de Santa Catarina ou oi koingang [sic] de longos e negros cabelos que bem o conheceram”. A inscrição chama a atenção pelo fato de não citar os Xokleng-Laklãnõ, por ele contatados.

³ Conforme esses relatos, muitas são muitas as cenas da vida do “Pacificador” que transmitem a ideia de um indivíduo extraordinário e idealista que se lançou nas matas brasileiras por motivos humanitários e civilizatórios. Eduardo Hoerhann, se autointitulava como o principal, se não o único, pacificador dos botocudos. Sobre isso, Sílvio Coelho dos Santos referiu que “Albert Fric se apresentava como ‘pacificador dos indígenas de Santa Catarina’, título que lhe havia sido outorgado pela Liga Patriótica de Florianópolis”, o título de ‘pacificador’ também foi dado pela Liga a Bernardino Silveira que em 1907 tentou um aldeamento no lugar de Pombas, no Alto Vale do Itajaí. Tivemos oportunidade de ver um cartão de Fric com esse título numa oportunidade em que Eduardo Hoerhann criticou severamente Fric que ele ‘nunca pacificou um índio’ (SANTOS, 1987, p. 124).



Outro fato que chama a atenção para quem analisa imagens da juventude de Eduardo é o contraste entre o civilizado e o selvagem que se deseja mostrar em muitas fotografias, as quais lembram missões civilizadoras europeias na África, seja pelas roupas ou pela postura de tranquilidade do colonizador, alguém que demonstra saber o que está fazendo. Em algumas imagens Eduardo está sentado e os indígenas, antes seminus, aparecem juntos com ele bem vestidos, usando roupas, isto é, já estão no caminho da civilização. Tais práticas estavam de acordo com a proposta ideológica e de integração do SPI para qual o indígena seria “um futuro ‘branco’ dissolvido pela amalgamação racial e pela assimilação na comunidade nacional” (RIBEIRO, 2017, p. 172).

Essa percepção traz prejuízos e limitações para a compreensão histórica e também para a própria biografia de Eduardo, pois nessa perspectiva ele é percebido a partir de uma auréola mítica e personalista. Essas concepções são compartilhadas e reproduzidas pelo grupo aqui denominado de colonizadores ou memorialistas locais, um grupo heterogêneo que reúne imigrantes e seus descendentes, pessoas que conheceram e/ou conviveram com Eduardo Hoerhann, indivíduos diversos vinculados às madeireiras e aos municípios próximos à Terra Indígena Laklãnõ, como professores, e pesquisadores amadores, entre outros.⁴

Nessa tradição intelectual, o colonizador europeu é o protagonista, alcançando uma dimensão de primazia em todo o processo de colonização, imprimindo-lhe sentimentos de autoconfiança e de superioridade cultural, evidenciada a partir da comparação com as populações locais e com os povos indígenas, em especial. Esses sentimentos de diferença e superioridade estimularam a formação de uma identidade de origem europeia com ressonâncias sobre como escrever a história, que passou a ser movida por categorias ideológicas étnicas e nacionalistas, e a formulação de discursos políticos, ideológicos, intelectuais, culturais, emotivos que estiveram na origem dos processos de colonização visando expandir e propagar valores civilizacionais europeus.

Sendo este grupo heterogêneo, o que os liga é a perspectiva do colonizador europeu como o protagonista, a visão do “herói”, “as vicissitudes” e os “grandes feitos do pacificador”, a percepção dessa história a partir do binômio: selvagens e civilizados,

⁴ A relação entre empresas madeireiras, FUNAI, povos indígenas e suas terras, bem como a produção de materiais e de conteúdos sobre a história Xokleng-Laklãnõ por parte de agentes ligados às madeireiras trata-se de um caso ainda pouco analisado, que necessita de mais pesquisa e estudos apurados.



bem como, a relativização das violências sofridas pelos indígenas, por vezes até se invertendo a situação.

Em muitas destas narrativas o aparelho estatal se torna quase invisível para dar lugar a figura do herói e as suas iniciativas pessoais. Nessa perspectiva, Eduardo Hoerhann aparece como alguém predestinado, que com sua coragem e capacidade de iniciativa pacificou os temidos e selvagens botocudos. Situamos aqui a obra “O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento”, publicada em 1917, como fundadora dessa corrente. O livro, escrito em língua alemã por José Deeke, Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, enfatiza aspectos diversos da colonização no Vale do Itajaí, sendo seu terceiro capítulo dedicado à “Questão Indígena”.

A obra revela a visão de mundo dos colonizadores do final do século XIX e início do XX, a qual foi ao longo do tempo amplamente reproduzida e compartilhada pelos colonizadores, permanecendo ainda no século XXI como referência de grande parte da população local. Essa visão foi difundida por pessoas influentes que ocupavam postos de liderança no processo colonizador, como por exemplo, o Pastor luterano Paul Aldinger, que, em 1918 escreveu em alemão o texto intitulado “A Pacificação dos Indígenas de Santa Catarina”. Conforme suas palavras, “em 1914, exatamente quando irrompia o incêndio da primeira guerra mundial, aconteceu em Santa Catarina o feliz epílogo de uma luta secular, a verdadeira guerra dos bronzeados filhos das selvas contra os colonos brancos”. Ainda segundo o pastor Aldinger:

Já se havia passado a acreditar numa boa solução, pois, por ali, andavam a mocidade corajosa e a atividade entusiástica do Serviço Federal de Proteção aos Índios, desde que um dos seus funcionários pensou em entrar em contato com os silvícolas, de peito nú e de mãos abanando e vazias, indo-lhes ao encontro com gestos e sinais de amizade (ALDINGER, 1969, p. 36).

Igualmente, pertencem ao grupo aqui chamado de colonizadores ou memorialistas locais, indivíduos e empresas ligadas a exploração da madeira, interessados em preservar a memória, talvez mais através dos esquecimentos do que das lembranças, ou através de uma narrativa fatalista na qual “a roda da História seguiu seu curso. Todos têm e ninguém tem razão” (MARCHETTI, 2019, p. 621). Cabe refletir qual o significado desta frase, o que pretende revelar ou esconder? Nessa perspectiva, conforme mencionado, o agente do SPI é apresentado como “um singular herói dos começos do século XX”, um herói civilizatório.



Nos escritos dos colonizadores, os indígenas aparecem retratados como seres humanos em estado primitivo conservados pelo tempo, seres exóticos que deveriam ser preservados, sendo vistos como remanescentes de um passado distante. Assim, não por acaso, em 1928, o aviador e explorador alemão Gunther Plüschow em viagem à Terra do Fogo, em um barco pesqueiro numa expedição financiada pelo “Berliner Illustrierte Zeitung”, de passagem em Blumenau visitou o Posto Indígena Duque de Caxias, sobre o qual escreveu três artigos, publicados em 1936 no livro de sua autoria, intitulado Silberkondor über Feuerland “Condor de Prata na Terra do Fogo”.

A matriz dos colonizadores ou memorialistas apresenta equívocos, propaganda da colonização e, por vezes, versões preconceituosas, racistas e fantasiosas sobre os indígenas, assim sua contribuição está nas informações e documentos que apresenta, as quais de modo algum podem ser desprezadas pelos historiadores. Essas obras dizem mais sobre quem as produziu do que sobre os indígenas.

Muitos aspectos trazidos por essa corrente começaram a ser questionadas no contexto posterior ao contato de 1914. Nas décadas de 1930 e 1940, surgiram estudos utilizando método científico, principalmente a etnografia, para compreensão da história dos indígenas do sul do Brasil. Qual a origem desses povos? Quais as formas de organização social e as diferenças culturais entre os povos Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ? São questões que aparecem nesses estudos, que tiveram como precursor o antropólogo estadunidense Jules Henry, que nos anos 1930 dedicou-se a pesquisar os povos indígenas do sul do Brasil.

Seguindo essa linha, entre esses primeiros estudos de caráter etnográfico, realizados por pesquisadores profissionais, que abordavam a origem, a língua e a característica dos Xokleng-Laklãnõ, podemos citar Francisco Schaden, que analisou, entre outros temas, assuntos relacionados à imigração alemã e também sobre os povos indígenas na região sul. Em relação aos Xokleng produziu, em meados do século XX, três artigos: “Apontamentos bibliográficos para o estudo dos índios Xokleng” (1949), publicado no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, “A pacificação e a aculturação dos Xokleng” (1953), “Xokleng e Kaingáng” (1958), ambos publicados na Revista de Antropologia da USP.⁵

⁵ SCHADEN, Francisco S. G. Apontamentos bibliográficos para o estudo dos índios Xokleng. **Boletim Bibliográfico**, vol. XII, p. 113-119, São Paulo: Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, 1949. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:schaden-1949-apontamentos>. Acesso 12 nov. 2022; SCHADEN, F. S. A pacificação e a aculturação dos Xokleng. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 136-139, 1953. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/131264>. Acesso em: 30 jun.



Os textos, produzidos entre as décadas de 1930 e 1950 serviram de referência e são precursores do terceiro grupo que conta a história dos Xokleng-Laklãnõ, formado por pesquisadores profissionais, antropólogos e historiadores em sua maioria, vinculados a instituições acadêmicas. Esse grupo tem como seu maior expoente o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que através de suas pesquisas iniciadas nos anos 1960 produziu inúmeras e qualificadas obras entre livros, artigos e comunicações, as quais ao ampliarem o conhecimento sobre esses indígenas são referências obrigatórias para qualquer um que se dedique a estudar o tema.

Trata-se assim de uma corrente com autores que abordam e produzem obras sobre aspectos diversos relacionados aos Xokleng-Laklãnõ. Estudos estes revitalizados nas duas últimas décadas, através de inúmeras teses, dissertações, livros, *lives*, artigos, cursos e eventos acadêmicos, entre outros.

Entres estes, é possível citar abordagens diversas, como os trabalhos de Flavio Wiik, que analisou a religiosidade evangélica adotada por parte dos indígenas a partir dos anos 1950, inclusive, atualmente ao se visitar a Terra Indígena é possível observar como muitos indígenas possuem nomes de origem bíblica. A pesquisadora Rosilene Maria Alves mostrou, em sua dissertação de mestrado, como episódios de violência relacionados aos indígenas eram noticiados de modo amplificado nos periódicos do início do século XX, que ao reproduzirem exaustivamente os poucos casos de violências dos indígenas invertiam a situação, transmitindo a ideia que os colonizadores eram vítimas indefesas de constantes ataques dos selvagens indígenas. Por sua vez, Lauro Pereira da Cunha narra a história dos Xokleng e seus remanescentes no Rio Grande do Sul, enquanto Ivan Carlos Serpa apresenta em seus estudos casos de “adoção civilizatória”, no qual grupos de colonizadores adotavam crianças indígenas, mostrando que as gerações seguintes, descendentes dessas crianças, apresentaram dificuldades de ordem psicossocial, reproduzindo os traumas causados pelas violências sofridas pelos indígenas. Por sua vez, Jackson Peres analisou a relação entre o modo de vida indígena e a natureza local, uma região de matas araucárias, já o pesquisador Lúcio Tadeu Mota, apresentou diferentes formas de contato ocorridos entre colonizadores e indígenas

2023; SCHADEN, Francisco S. G. Xokleng e Kaingáng. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 105-112, 1958. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110383>. Acesso em: 30 jun. 2023. No presente artigo, as obras citadas em notas de rodapé, abordadas simultaneamente como fonte e objeto de estudo, não serão novamente referenciadas ao final do texto, para não estendê-lo demasiadamente com a repetição de informações.



Xokleng no século XIX, a trajetória desses indígenas no século XIX também foram analisadas por Wilmar da Rocha D'angelis.⁶

Outros dois autores obrigatórios e com inúmeras produções são Luisa Tombini Wittmann, que em sua obra “O vapor e o botoque” (2007) analisa a dinâmica relação entre indígenas e colonizadores no Vale do Itajaí, pela perspectiva apontada por John Monteiro, na qual os indígenas são também protagonistas da história. Também Alexandre Machado Namem, que residiu na Terra Indígena Laklãnõ onde realizou trabalho de campo e estudos que abordam inúmeros temas, que reconstróem a história do povo Xokleng-Laklãnõ através de registros arqueológicos até os dias atuais, analisa assim, pelo viés antropológico, as transformações socioculturais desse povo ao longo do tempo.

Trata-se de uma matriz vasta, que abrange produções de pesquisadores estrangeiros, como o antropólogo Greg Urban, estudioso dos povos indígenas da América do Sul até pesquisas recentes como os trabalhos do doutorando Rodrigo Wartha, que além de pesquisar a história dos Xokleng-Laklãnõ, tem se dedicado a difundir essa história entre a população local através de material didático-pedagógico em forma de história em quadrinhos sobre indígenas da região do Alto Vale do Itajaí. Esta ação representa uma profícua iniciativa no sentido de difundir a temática indígena para fora dos muros da academia.⁷

Por fim, o último grupo que conta essa história são os próprios indígenas, trata-se do último grupo devido só recentemente começarem a produzir obras escritas e a ocupar espaços acadêmicos e institucionais, antes e ainda ocupados por outros grupos. Ainda

⁶ WIIK, Flavio Braune. “Somos Índios Crentes”: dialéticas do contato, alteridade e mediação cultural entre os Xokleng (Jê) de Santa Catarina. **Tellus**, Campo Grande/MS, ano 10, n.19, jul./dez. 2010. p. 11-51; ALVES, Rosilene Maria. “Se mostram de novo os bugres”. **Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis/SC, 2000; CUNHA, Lauro Pereira da. **Índios Xokleng e Colonos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2012; _____. **Índios Botocudos nos campos de cima da Serra**. Evangraf, Porto Alegre 2017; SERPA, Ivan Carlos. **Os índios Xokleng em Santa Catarina: uma abordagem a partir da relação pesquisa, ensino e extensão no Instituto Federal Catarinense**. Blumenau: IFC, 2015; PERES, Jackson Alexsandro. **Entre as matas de araucárias: cultura e história Xokleng em Santa Catarina (1850-1914)**. Recife: Editora UFPE, 2014; MOTA, Lúcio Tadeu. Passo Ruim 1868: as estratégias dos Xokleng nas fronteiras de seus territórios do alto rio Itajaí. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 169-193, 2017; D'ANGELIS, W. Frentes de expansão e povos indígenas em Santa Catarina. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Chapecó/SC, n. 28, p. 34-59, dez. 2017.

⁷ Ver como exemplo da produção desses autores as obras: URBAN, G. **A model of Shokleng social reality**. Dissertação (PhD in Antropology) – University of Chicago, Chicago, 1978; WARTHA, Rodrigo. História (indígena) e(m) Quadrinhos: Uma trilogia Xokleng Laklãnõ no Vale do Itajaí, p. 1-15. In: **Anais do 31º Simpósio Nacional de História** [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia / Org. Márcia Maria Menendes Motta. 1. ed. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.



que os indígenas ao longo do tempo se valessem da tradição oral para falar de sua cultura e narrar sua história, agora estão também aprendendo a “lutar com a caneta”, expressão de uso corrente entre diferentes povos indígenas, para os quais hoje em dia os homens brancos estão os matando com a caneta, dessa forma, precisam apreender a lutar com a caneta para se defender dessas agressões. Faz parte desse aprendizado a formação escolar e acadêmica em diferentes áreas do conhecimento, bem como a ocupação de espaços acadêmicos e institucionais.

Assim, inúmeros estudos e obras estão sendo produzidas por pesquisadores indígenas em diferentes áreas do conhecimento, as quais estão contribuindo sobremaneira para a compreensão dessa história. Interessa-nos aquelas que se aproximam do campo da história. Trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como a Dissertação de mestrado de Ítalo Rodrigo Mongconãnn Reis e o trabalho, em andamento, de Icaro Patté, que no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, tem desenvolvido uma abordagem sobre “As origens e a evolução da democracia na Terra Indígena Laklanõ” são exemplos dessa corrente.⁸

Contudo, uma das principais expoentes dessa matriz historiográfica, que chamamos de “indígena”, trata-se da pesquisadora Walderes Coctá Priprá, que em sua dissertação de mestrado, também realizada na UFSC, lembra do importante papel que a escola indígena tem exercido nos dias atuais “para resgatar muitos aspectos culturais que estavam adormecidos” (PRIPRÁ, 2021, p. 15), lembra igualmente que no sul do Brasil o contato com os povos indígenas foi e continua sendo brutal de forma física e psicológica. Sobre a história Xokleng-Laklãnõ, a autora escreveu que “a história ocidental narrada e escrita tantas vezes tenta de todas as formas apagar a história real dos nativos desta terra, invisibilizando quem são os verdadeiros donos dessa terra chamada Brasil” (PRIPRÁ, p. 13). E segue em sua análise:

Quando iniciei minha carreira como professora dentro da Terra Indígena Laklãnõ na Aldeia Bugio, vi a necessidade de me aprofundar nas questões interculturais, entre indígenas e não indígenas, para ajudar na reconstrução da nossa história, pois até aquele momento só se ouvia os *zũg* falando das ques-

⁸ Trabalhos como PATE, Osiel Kuita. **O contato descrito pelos Laklãnõ Xokleng, os descendentes de Kaingang e as trocas de costumes e saberes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2020; PATTÉ, Ana Roberta Uglô. **Barragem norte na Terra Indígena Laklãnõ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC, 2015, ilustram nossa abordagem.



tões indígenas e muitas vezes traziam histórias deturpadas sobre o povo (PRIPRÁ, 2021, p. 17).

Entre aspectos diversos, as produções da matriz indígena relatam a trajetória do povo Xokleng/Laklãnõ, ressignificando sua identidade a partir do termo Laklãnõ e da luta histórica dos povos indígenas por suas terras (atualmente ameaçadas pelo Marco Temporal, Projeto de Lei 490/2007). Tal perspectiva, entre outros aspectos, se relaciona com a manutenção da identidade Xokleng/Laklãnõ e, igualmente, questiona a figura de Eduardo Hoerhann como herói:

Muito se tem enaltecido funcionários do Estado brasileiro e o próprio Estado pela relação estabelecida no momento da “pacificação” e pela atenção dispensada ao longo de 70 anos. A exaltação é, no geral, narrada por quem se beneficiou do processo do ponto de vista econômico ou social. É recomendável uma revisão bibliográfica a partir do ponto de vista indígena, um recontar e refazer da história para que a paz seja de fato estabelecida e que de alguma maneira possa também os indígenas possam ser beneficiados. Ocorre que 100 anos é uma pequena fração de uma história milenar, que remonta a mais de quatro mil anos, já datada pela ciência moderna, certamente os mais cruéis e violentos (BRIGHENTI, 2014, p. 2).

A matriz indígena tem se mostrado como uma corrente bastante fecunda que tratado de temas diversos, entre eles também da trajetória de Eduardo Hoerhann, apresentam outro viés da mesma história, não mais o do pacificador, mas o dominador que ao final da história confessa seus erros, reconhecendo que “o papel do SPI era o de engordar o sapo para a cobra comer, isto é, submeter o indígena para servir a sociedade dominante” (SANTOS, 1997, p. 59). Tal perspectiva contribui para uma análise mais aprofundada dessa história, de seus meandros e de sua complexidade.

Considerações finais

Apresentamos aqui de modo sucinto quatro linhas de análise, ou matrizes historiográficas, que se dedicaram (e ainda dedicam) a abordar a história dos Xokleng/Laklãnõ, com a finalidade de melhor compreender essa história e as diferentes perspectivas sobre o tema. Nossa ideia, foi a de produzir um texto, como guia de estudos, para uso de estudantes do Instituto Federal Catarinense (IFC) e dos NEABIS dessa Instituição, mas que servisse também como referência para pesquisadores profissionais.



Por outro lado, é fundamental dizer que em nosso estudo identificamos as linhas historiográficas, que consideramos preponderantes, citando exemplos de obras e de autores que as caracterizam, sem, no entanto, listar todos os trabalhos de cada autor, o que demandaria um espaço e uma abordagem não condizente com escopo do presente texto. Igualmente, deixamos de fora à análise das instituições que produzem, isto é, os locais onde são produzidos esses trabalhos. Trata-se de um trabalho ainda por se fazer, quem sabe iniciando pelo seguinte questionamento, quais instituições possuem núcleos especializados para pesquisar a história indígena no Vale do Itajaí? A primeira vista, parece haver uma carência de espaços institucionais, principalmente quando se trata de instituições privadas. Em relação às pesquisas que são feitas, na maioria dos casos tratam-se mais de iniciativas individuais dos próprios pesquisadores, mas enfim, abordar essa questão é ainda um trabalho por se fazer.

Ainda sobre isso, uma das exceções trata-se do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que reúne estudantes indígenas e tem como uma de seus expoentes a pesquisadora Juliana Salles Machado, que possui uma vasta produção desde textos até trabalhos audiovisuais, como o documentário sobre o povo Xokleng/Laklãnõ, intitulado: “Û TÕ DÉN TXI KABEL - Aqueles que contam histórias” (2015), seus trabalhos abordam assim temas diversos nas áreas de antropologia, arqueologia, história e preservação da memória.⁹

Visto isso, sobre as produções relacionadas às matrizes historiográficas cabe mencionar que se trata de um processo em permanente andamento e transformação, pois como referimos, as diferentes matrizes dialogam entre si. Outro aspecto a ser ressaltado é o fato tando dos indígenas, quanto representantes do aparelho estatal, em especial da FUNAI, produzirem atualmente seus estudos e análises dentro de espaços acadêmicos ou articulados com perspectivas de pesquisadores e pesquisas acadêmicas, ampliando e contribuindo sobremaneira para o debate e conhecimento da história indígena.

Até mesmo, representantes da matriz dos colonizadores tem realizado suas produções dentro desses espaços, como por exemplo, a singular produção de Rafael

⁹ Algumas obras que exemplificam a produção da pesquisadora Juliana S. Machado são: Caminhos e Paradas: Perspectivas sobre o território Laklãnõ (Xokleng). **Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia**, (27), p. 179-196, 2016; Histórias roubadas: (des) encontros entre arqueólogos, sítios, coleções arqueológicas e os Laklãnõ-Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC. **Hawò**, Goiânia, v. 2, 202; Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, 2017. p. 89-119, 2017.



Casanova de Lima e Silva Hoerhann, que realizou seus estudos na UFSC. Sendo este pesquisador diversas vezes convidado para participar de atividades locais no Vale do Itajaí, como encontros, conversas, publicações, homenagens e eventos diversos realizados invariavelmente por Prefeituras municipais, secretarias de cultura e educação, entre outras. Ao participar dessas atividades acaba por reproduzir, legitimar e atualizar a matriz historiográfica dos colonizadores, ainda que sua produção tenha sido feito dentro da academia.¹⁰

Conhecer a história dos povos originários e como ela foi escrita é conhecer a própria história do Brasil. A pesquisa em história, ao reconstruir o passado desconstruindo mitos e visões que se distanciam da realidade ainda é um grande desafio para pesquisadores que se dedicam a compreender a história indígena. Igualmente, decodificar o processo de colonização no Brasil e analisar os indígenas, restabelecendo a posição que eles ocuparam ao longo da história, a de protagonistas, também faz parte desse desafio.

A escrita da história Xokleng/Lakãñõ abordada nesse artigo se inscreve nessa perspectiva, trata-se de uma história bastante estudada, porém ainda pouco conhecida pelo público maior, o que abre espaço tanto para visões idealizadas, que se aproximam da ficção e dos romances do século XIX, quanto para visões preconceituosas que não reconhecem os atuais povos indígenas. Parte responsável por essas visões se deve ao fato de como essa história tem sido contada ao longo do tempo.

Em tempos de marco temporal e negacionismo, deve-se ter cuidado para que a história dos Xokleng/Lakãñõ em Santa Catarina não seja reproduzida de forma idealizada ou fantasiosa, contribuindo para mais desconhecimento e preconceito. Que essa história não seja transformada em um romance, permeado por aventuras, heróis e seus grandes feitos nas virgens matas catarinenses. Ao longo do tempo, esses indígenas foram destituídos de suas terras, é preciso assim ter atenção para que eles também não sejam destituídos de sua própria história.

Referências Bibliográficas

¹⁰ Rafael Casanova produziu, entre outros, os seguintes trabalhos: **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo: a Política Indigenista através dos Relatórios (1912-1926)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2005; **O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927-1954)**. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.



ALDINGER, Paul. A Pacificação dos Indígenas de Santa Catarina. In. **Blumenau em Cadernos**, p. 36-39, Tomo X, n. 2, Fevereiro de 1969. (Tradução de J. Ferreira da Silva, do original publicado em *Kalender fuer die Deustchen in Brasilien*, de 1918).

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Rosilene Maria. “**Se mostram de novo os bugres**”. **Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914)**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis/SC, 2000.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Xokleng e a memória perdida: a história que é melhor não contar**. Conselho Indigenista Missionário Regional Sul (Cimi), 2014.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **História Indígena no Brasil: historiografia, crítica decolonial e perspectivas contemporâneas**. Relatório de Estágio (Pós-Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, 2019.

DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.

GONZAGA, Alvaro de Azevedo. **Decolonialismo Indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

GUTFREIND, Ieda. **Historiografia rio-grandense**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

HENRY, Jules. **Jungle People, a Kaingáng Tribe of the Highlands of Brazil**. Nova York: J. J. Augustin Publisher, 1941.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

MARCHETTI, Marcondes. Eduardo Hoerhann. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto. **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. Vol. 2, São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, p. 621-647, 2019.

NAMEN, Alexandro Machado. **Os Botocudo no Vale do Itajaí, Santa Catarina**. Blumenau/SC: Edifurb, 2020.

PRIPRÁ, Walderes Coctá. **Lugares de acampamento e memória do povo Laklãnõ/Xokleng, Santa Catarina**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis/SC, 2021.

REIS, Ítalo Rodrigo Mongconänn. **Pãn Vanh – Rastros: Vídeo-Carta para meu avô, Orlando Mongconänn, e Memorial**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis/SC, 2021.



RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng.** Porto Alegre, Movimento: Brasília, Minc/Pró-Memória/INL, 1987.

_____. **Os índios Xokleng: memória visual.** Florianópolis: Editora da UFSC; Itajaí: Editora da UNIVALI, 1997.

WARTHA, Rodrigo. **A história inconclusa do Vale do Itajaí: território, memória e identidade nas vozes atuais do Povo Xokleng Laklãnõ.** Fundação Universidade Regional de Blumenau – (FURB). Blumenau, 2018.

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926).** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.